



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

**CARLOS PEREIRA CASTILLO
(depoimento)**

2011

CEME – ESEF – UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E227

Entrevistado: Carlos Pereira Castillo

Nascimento: 26/10/1948

Local da entrevista: Residência do entrevistado, Porto Alegre – RS.

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 11/11/2011

Transcrição: Christiane Garcia Macedo

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 49 minutos

Páginas Digitadas: 8 páginas

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

CASTILLO, Carlos Pereira. *Carlos Pereira Castillo (depoimento, 2011)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2011.

Sumário

Envolvimento com as tradições gaúchas; envolvimento com a dança; formação do Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos”; Participação do Grupo em festivais; integrantes do grupo; Estrutura do grupo; Apoios.

Porto Alegre, 11 de novembro de 2011. Entrevista com Carlos Pereira Castillo, a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Nome completo?

C.C. – Carlos Pereira Castillo¹.

C.M. – Data de nascimento?

C.C. – 26 do outubro de 1948.

C.M. – Local de nascimento?

C.C. – Santana do Livramento².

C.M. – Como se deu seu envolvimento com as tradições gaúchas?

C.C. – Existe aquele tradicional e existe o tradicionalista. O tradicionalista é uma pessoa urbana que se envolve com as coisas gaúchas. E tradicional é aquele que faz a coisa gaúcha por natureza. Eu quando vim para Porto Alegre para estudar, eu era tradicional. Fui criado na fazenda do meu avô, lá eu aprendi a ginetiar³, laçar, assar churrasco, passar trabalho, passar frio. Eu vim para cá para estudar, para fazer o vestibular, me preparar. Conheci um amigo que se chamava Ery Assenato. Que era diretor do Conjunto de Folclore Internacional. Ele iniciou um CTG em um clube social que eu fazia parte. Eu nunca tinha tido ligação com CTG, mas gostei porque eu estava aqui fora do meu ambiente e sentia falta de alguma coisa campeira, gaúcha. E o Ery começou a ensinar a gurizada⁴ a sapatear. Eu mostrei bastante facilidade. Ele me apartou para me ensinar a dançar chula⁵. Em seguida o que ele sabia eu aprendi e comecei a ensinar a ele outras coisas que eu criava. Com quatro meses o Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore⁶, tendo o Antônio Augusto Fagundes⁷ e o Doutor Carlos Galvão Krebs na ponta, organizaram o primeiro concurso estadual de danças gaúchas. Eu me inscrevi na chula, o Ery era meu professor. Foi no Ginásio do União⁸. Fomos até que ficamos, o Cláudio Lazzaroto e eu como finalistas. Ele me ganhou por meio ponto, pois eu fiz um passo muito arriscado, cai

¹ Também conhecido como Carlinhos Castillo.

² município da região sul do Rio Grande do Sul, na fronteira com o Uruguai.

³ Montar a cavalo com firmeza e com garbo.

⁴ Grupo de rapazes ou meninos.

⁵ Dança gaúcha, feita por homens, que sapateiam geralmente por cima de uma lança. Passando de um lado ou outro sem poder tocá-la. Dança mais comumente realizada como desafio.

⁶ Orgão estadual.

⁷ Antônio Augusto da Silva Fagundes.

⁸ Grêmio Nautico União. Clube Social.

no chão. A partir daí nós gostamos da coisa e formamos uma parêlha⁹. Porque ele tinha um estilo de dançar a chula e eu tinha outro. Ele mais artístico e eu mais bagual¹⁰, mais grosso, mas com mais autenticidade. Começamos a ser reconhecidos, o Barboza Lessa¹¹ que estava em São Paulo viu um show nosso, começou a nos contratar para fazermos show na televisão de São Paulo, no Rio de Janeiro etc. Neste meio tempo o Ery me convida para entrar no Conjunto Internacional de Folclore. Não se chamava “os Gaúchos” ainda, era Conjunto Internacional de Folclore. E eu aceitei e entrei. Então dançava conosco: o Jorge Karam, falecido, o Juarez Fonseca, falecido, o Ery Assenato, falecido, a Cecília Assenato, falecida, eu, que estou vivo, o alemão Lazzaroto¹² que quase morreu, a Ziza¹³, irmã da Nilva¹⁴, a Nilva, sargetão, a Rosinha, esposa do Juarez que também faleceu. A música era feita pelo Rubem Dario, o Glênio Fagundes e o Paulo Fagundes. E ali eu me meti numa ceara que eu nunca imaginei. Dançar frevo, dançar musica da Venezuela, do Paraguai, do Peru. Da Argentina eu já conhecia alguma coisa. Mas nós fomos, depois que o grupo havia engrenado com a Professora Marina Cortinas, que saiu logo depois que eu entrei, uns três meses depois que eu entrei, ela se licenciou. Ela não estava bem de saúde. Aí a Nilva assumiu. Nós formamos um grupo que era mais que um grupo, era uma família. Todos muito amigos, muito unidos. E começamos a fazer muitos shows. E estes shows foram reconhecidos ao ponto de nós fazermos, coisa inéditas, shows no Theatro São Pedro, shows de folclore. Para sairmos pilchados na rua, tínhamos que sair com relho¹⁵. Porque sempre dava encrenca. Mas artisticamente nós chegamos ao palco do Theatro São Pedro.

C.M. – Por que que dava encrenca?

C.C. – Chamavam agente de grosso. Bombacha era sinônimo de grossura. Inclusive o tradicionalismo, que iniciava, que dava seus primeiros passos, tinha muita gente que confundia ser gaúcho, com andar com bombacha suja, cuspir no chão, etc. e agente recebia esta descarga toda. Eu entrei para o 35 CTG. Que era o pioneiro, mas o meu primeiro CTG, onde o Ery Assenato me ensinou a dançar, foi o CTG Chilena de Prata. Este foi o meu início. Depois, vamos dizer que eu fiquei maior que o Chilena de Prata. Aí

⁹ Uma dupla.

¹⁰ Que não é domado.

¹¹ Luiz Carlos Barbosa Lessa, nascido em 1929, poeta, folclorista, escritor, músico, advogado e historiador.

¹² Claudio Lazzarotto.

¹³ Nilza Pinto

¹⁴ Nilva Therezinha Dutra Pinto.

fui disputado. Para teres uma ideia, na época tinham três grandes conjuntos: o Conjunto Internacional de Folclore, o Conjunto Pagos da Saudade da Varig, e o Conjunto os Tropeiros da Tradição do Paixão Cortês.

C.M. – Os Tropeiros da Tradição e o Pagos da Saudade eram só danças gaúchas, não é?

C.C. – Só danças gaúchas. Mas nos três conjuntos mais da metade eram os mesmos. Eram os mesmos que dançavam nos três grupos. Porque agente procurava cooptar todo aquele que se destacasse numa área da arte gaúcha. Então o sujeito começava a sapatear bem lá no Minas do Butiá, agente ia buscar ele. Um ia lá e trazia. Ao ponto que quando a Varig iniciou suas linhas internacionais, o marketing dela era levar o nosso grupo para fazer shows. Então nós andamos por este mundo todo fazendo shows para a Varig. Metade era dos “Gaúchos”, metade não, era outro grupo, mas gente muito legal. O Conjunto Internacional de Folclore se solidificou, anexou o nome “Os Gaúchos”, Conjunto Internacional de Folclore “Os Gaúchos”. Dançando o folclore praticamente da América Latina toda, e do Brasil, pois faziam samba, frevo, eu nunca fui bom nisso, sacudir as cadeiras, não é comigo. A renovação foi muito pouca, nos primeiros dez anos. Nenhum de nós tinha morrido. Então nós fizemos não só o Brasil, como dançamos boa parte da América, Uruguai, Argentina, Chile, Peru. Fomos disputar alguns festivais na Europa, ganhamos dois: San Sebastian na Espanha, na província Baska, e em Cárceres, nordeste da Espanha, onde aconteceram coisas sensacionais. Não sei se te interessa isso.

C.M. – Pode dizer.

C.C. – Por exemplo, em Cárceres, isso eu achei interessante, nós éramos uns 18 países, representados por seus grupos de dança. E todos jantavam juntos num mesmo local. Havia mesa para um país, mesa para outro país. E ali aconteciam manifestações espontâneas do folclore destes países. Eles cantavam, depois nós cantávamos, cada um que terminava aplaudiam e ia outro. Eu disse: “vamos cantar a cerimônia do beijo”. “Que cerimônia é esta?”, perguntaram. Eu disse “É o seguinte, agente canta uma música e vai lá e dá um beijo nas gurias deles. Dos que cantaram, mas bem na boca”. E ele disse: “Mas tu és louco, tchê!”. Eu disse: “Eu não sou louco, tu não sabes que é costume nosso?”. Ele perguntou: “E as nossas gurias?”. Eu disse: “Elas que se virem” [risos]. Combinamos com a turma toda e fomos. O pessoal da Tchecoslováquia terminou de cantar, nós levantamos, fomos lá e tacamos beijos nas gurias. Mas nós não sabíamos que os tchecos tinham mania de beijar os homens também. E chegou um tcheco, dois palmos maior que

¹⁵ Chicote com cabo de madeira.

eu, os dentes cheios de platinas, chegou e deu um beijo na boca do Nico¹⁶, ele ficou com os pezinhos pendurados. Ele agora conta que fui eu, mas é mentira. Foi ele que levou o beijo do tcheco. Mas sempre aconteciam assim fatos interessantes. Porque agente era estranho nestes países da Europa. Por exemplo, o Glênio e o Paulo não podiam dar uma volta na quadra sem ser de mão dada ou se não se perdiam. Eram totalmente sem senso de localização. Mas nós tínhamos uma coisa muito boa, que era a uniformidade. Todos sapateavam bem, sendo que eu e o Lazzarotto sapateávamos bem melhor, do que o bem dos outros. As gurias quase todas eram do balé. Nós chamávamos elas de pescoço quebrado. Elas nem sabem disso. Assim nós andamos por esse mundo a fora. Nós ganhamos no Festival de San Sebastian contra uns quinze países. Em Cárceres, o consul brasileiro que estava lá, era de Jaguarão, ele nos contava uma história, não me lembro de qual embaixada que ele era, que jogaram uma granada e ele cabeceou a granada. Ele mostrava um buraco que tinha na cabeça. Teve a festa do festival e nós pedimos cavalos, e nós nos consideramos os primeiros gaúchos a montarem em cavalos num desfile na Europa. Interessante, que no final do desfile o cavalo do Nico, que nunca foi um bom cavaleiro, montou de corajoso, terminou o desfile e o cavalo disparou. O Nico agarrado nos arreios, eu fui galopando atrás e não conseguia chegar no cavalo dele. O cavalo só parou quando entrou na cocheira dele no quartel. O Nico não estava branco, ele estava amarelo.

C.M. – O senhor pegou a época que a Marina estava aqui?

C.C. – Sim. Eu peguei, mas só não convivi muito com ela. Porque com três meses, mais ou menos, que eu estava no conjunto, ela saiu. Já tinha feito alguns ensaios. Estava aprendendo algumas coisas lá, aí ela saiu.

C.M. – Você lembra quais eram as danças, da época que ela estava aqui, que vocês faziam?

C.C. – Vamos dizer, do Uruguai el pericon, da Argentina chacareira simples, chacareira doble, el escondido, da Bolívia tinha el pala pala, carnavalito. Esta tu me pegou.

C.M. – Do Brasil?

C.C. – Do Brasil era o frevo, era o samba. Do Brasil não tinha muita diversificação.

C.M. – E as gaúchas também?

C.C. – As gaúchas, sim, estas agente e caprichava. Me lembro que nós fomos em Buenos Aires uma vez e ganhamos um festival lá. Só dançando as danças gaúchas. E foi um show

¹⁶ Apelido de Antonio Augusto da Silva Fagundes.

que nós demos. Foi muito limpo, todas as mãos na mesma altura, todos os rostos do mesmo jeito. E sempre tinha o show do Lazzarotto e meu. Numa das nossas visitas a Argentina, nós tivemos contato lá com um cidadão que se chamava el patron, que era considerado o maior sapateador da Argentina. O que esta para nós a chula, esta o malambo para a Argentina. Então o Lazzarotto e eu, que éramos os mais **atildados** que sapateávamos, aprendemos e aqui começamos a fazer também o show de malambo. Aí o show subiu de graduação. O resto do pessoal também aprendeu alguma coisa. Então nós fazíamos nas nossas estampas da Argentina, entrava o Nico, o Karam, o Juarez e depois eu e o Lazzarotto, terminávamos com um show grande de sapateio.

C.M. – O senhor fez mais alguma função no grupo, além de dançarino?

C.C. – Sim. Uma vez eu fui a Europa com eles como guitarrero. Tocando violão e cantando. Já não dançava mais.

C.M. – Como a Nilva foi escolhida para ser diretora? Como foi este processo de sair a Marina e a Nilva assumir?

C.C. – O por quê mesmo eu não sei te dizer. A Nilva entrou porque ela tinha condições, era capaz, ela sabia tudo. Tinha jeito para ensinar, era rígida ao extremo. Nos tapava de chingada e gritos. E fazia agente entrar no passo e fazer certo as coisas. E todo mundo aceitou pacificamente, porque realmente ela tinha condições para ser a líder do grupo. Então fico te devendo por que que a marina saiu, pois eu não sei.

C.M. – O fato da Nilva, da Nilza e da Amélia serem do balé clássico não teve nenhuma resistência em juntar isso?

C.C. – As mulheres geralmente tinham alguma introdução do clássico. A Nilva, a Ziza e a Amélia eram mais graciosas. A Nilza até era meu par. Mas elas conseguiram fazer um denominador comum, em que tu olhavas um tu vias todas do mesmo jeito. Não tinha uma se sobressaindo, pois toda vez que alguém se sobressaía estava errado. Porque conjunto tinha que ser todo mundo igual. Só podia se sobressair em solo, e eram muito poucos os solos.

C.M. – E os homens?

C.C. – Nos homens era a mesma coisa, nós não tínhamos classe, era tudo grosso. Só quem se sobressaía era o Alemão e eu. Nós sapateávamos mais que os outros.

C.M. – As gurias faziam aulas de balé no conjunto?

C.C. – Não, elas já vinham da escola clássica.

C.M. – Era só a mulher do Juarez Fonseca e do Ery que não era do Balé?

C.C. – Não, a Rosa e a Cecília não eram do balé. Elas aprenderam com a Nilva e com a Nilza. Foi assim que elas tiraram a condição de acompanhar as outras.

C.M. – Você lembra quem era par de quem?

C.C. – Eu dançava com a Nilza. Tem a Lea¹⁷, que era mulher do Rubem Dario da Música. Eu dancei um tempo com a Lea também. O Karam dançava com a Nilva. O Alemão Lazzarotto passou a dançar com a Ziza. O Juarez dançava com a Rosa. O Ery com a Cecília. O Nico com a Amélia.

C.M. – O grupo teve algum apoio financeiro ou político? Tipo como a Varig? Como foi este apoio.

C.C. – Eu não me lembro da Varig ter apoiado financeiramente o grupo. O que acontecia é que o pai da Nilva e da Ziza era político, Porcínio Dutra¹⁸, de larga saudade, eu gostava muito dele. Ele conseguia verbas daqui e dali, verba da área cultural. Isso também eu não posso dar certeza porque era terreno da Nilva. Agente nem tomava conhecimento, só quando tínhamos que botar dinheiro para viajar.

C.M. – Teve mais algum? Como fazia para confeccionarem as roupas?

C.C. – Se não me engano cada um pagava o seu. O que era um prejuízo. Eu por exemplo, em dois meses uma bota ia embora.

C.M. – E o local para ensaio?

C.C. – O primeiro local de ensaio foi lá dentro do rio e não existe mais. Tinha uma boate com um pavilhão. Depois começou a ser meio sem lugar certo. Até que nós fomos para onde hoje é o auditório Araújo Viana¹⁹, ali então nós conseguimos. O irmão da Cecília, o César Fonseca, nos conseguiu o palco de lá para que nós ensaiássemos.

C.M. – Como é que vocês escolhiam o que iam fazer e como era a montagem?

C.C. – Nós não escolhíamos, agente recebia a missão de aprender a dançar isso. Aprender a dançar aquilo. Os modelos de roupas a Nilva e a Marina faziam. Nós só tínhamos que tirar medida, vestir e usar.

C.M. – Como é que vocês faziam para aprender?

C.C. – Abaixo de grito da Nilva.

C.M. – Ela que passava os passos?

C.C. – Ela passava os passos. Claro que não era tudo. Por exemplo, quando era sapateio nós já sabíamos. Todos nós eramos bons sapateadores. E muda o sapateio de país para

¹⁷ Lea Von Poser.

¹⁸ Deputado Porcínio Dutra Pinto.

país. Não era a mesma coisa. A Nilva ensinava os movimentos, enquanto não estava na ponta da língua agente não apresentava.

C.M. – Na época do início do grupo, Porto Alegre tinha uma valorização com as danças folclóricas, tanto daqui quanto de outros países? Fazer a dança folclórica foi mais fácil ou foi mais difícil para vocês conseguirem as coisas?

C.C. – Na verdade não existia outras danças a não ser as nossas. E as nossas eram razoavelmente aceitas. Teve um tempo, logo no começo, em que era chique frequentar um CTG. Tempo esse que passou muito rapidamente em função dos desvios que aconteceram. As danças de outros países apareceram com o Conjunto Internacional de Folclore. Ninguém mais dançava isso. Não tinha mais ninguém dançando. Eu me lembro que nós fazíamos shows em locais que lotava. Surpreendentemente lotava. E com esses shows nós arrecadávamos dinheiro para cobrir estas despejas. Te confesso que também não sei. Porque eu nunca me envolvi nisso, era tudo com a direção que era a Nilva, o Ery e o Nico. Eram os três que controlavam a direção e os caminhos do grupo.

C.M. – O Ery era o mais velho?

C.C. – O Ery era mais velho.

C.M. – Lembra mais ou menos quantos anos ele tinha?

C.C. – Tem uma foto que tem ele.

C.M. – Como é que se conseguiam os músicos?

C.C. – Eles eram do Grupo Os Gaudérios, que era o grupo mais artístico local que teve. Até mais que os farroupilhas. O Miguelzinho era um exímio gaiteiro que tocava na televisão logo que começou.

C.M. – Na tv Piratini?

C.C. – Era.

C.M. – Você participou daquela apresentação que teve na tv Piratini?

C.C. – Eu não sei.

C.M. – E como é que virou “Os Gaúchos”?

C.C. – Não foi no início. Foi uns anos depois. Deixa eu te contar uma história. Era presidente da república o Janio Quadros²⁰, e este presidente Prado²¹ do Peru foi visita-lo. Era diretor da NOVACAP²² o Lauro Rodrigues, que era nosso amigo, que convidou o

¹⁹ No Parque Redenção, em Porto Alegre.

²⁰ Presidente do Brasil de janeiro a agosto de 1961.

²¹ Manuel Prado y Ugarteche, presidente do Peru entre 1956 e 1962.

²² Companhia Urbanizadora da Nova Capital, fundada em 1956.

Conjunto para fazermos um show²³. Foi atrás do Palácio da Alvorada. Então fizeram um vasto de um palco, e colocaram as cadeiras das autoridades. E a chula, o histórico dela diz que é uma dança só de homem e servia também para tirar dúvidas. Em vez de disputar no facão a razão de alguma coisa que não estava bem definido. Se disputava na chula e quem ganhasse tinha razão. E o Lazzarotto e eu fizemos uma encenação para a chula que foi uma coisa fabulosa. Nós inventamos uma coreografia de briga de facão. Eu até hoje tenho cicatriz no dedo daquele tempo. Era real. Agente começava a dançar o Chote de Carreirinha e agente se peixava²⁴. Quem assistia pensava “Aqueles dois ali se bateram”. Quando voltava se peixava de novo. Na terceira agente tirava as adagas. E era uma coisa muito bem ensaiada. E quando deu a segunda o Janio Quadros mandou os guardas nos pegar. Estava cheio de guardas imperiais lá. E nós se agarramos nas adagas lá e os guardas foram de lance nos prender. E aí o Lauro Rodrigues pegou o microfone e explicou. O Janio ficou bravo.

C.M. – O senhor tem mais alguma coisa que queira registrar?

C.C. – Eu fiquei pouco tempo. Acho que uns oito anos. Sempre fui muito gaudério, andava pra lá e para cá. Esta fase eu me lembro bem pois foi uma fase que participei. Depois não. Logo depois eu saí. Dirigi o conjunto da Varig, dirigi o conjunto do Paixão, dirigi o 35. Dirigi uma porção de CTG. Não gostava muito do estilo da Nilva. Não gosto que gritem. E fui para outras coisas, trabalho, e caí fora. Hoje eu sou escritor. Tenho onze livros publicados. Escrevo muito sobre cavalos, culinária e história do Rio Grande do Sul.

C.M. – Era isso. Agradeço.

²³ Realizado em agosto de 1961.

²⁴ Bater, trombar.